



O ENSINO DA ARTE E O ENSINO DAS LINGUAGENS NO BNCC

Laís Guaraldo ¹

RESUMO

O artigo aqui apresentado analisa criticamente como os conteúdos da área da Arte foram estruturados no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para serem ensinados no ensino fundamental. A análise foca nos equívocos da formulação do objeto de conhecimento “elementos da linguagem” e as habilidades relacionadas com esse tópico no campo das artes visuais, tendo como referencial a abordagem que a semioticista canadense Fernande Saint-Martin e o semioticista russo Iuri Lotman propõe para a análise da linguagem. Pretende-se chamar a atenção de educadores para a necessidade da Arte ser reconhecida como área de conhecimento e chama a atenção de arte educadores para os riscos da fragmentação desarticulada dos conteúdos das artes por conta de estruturas que facilitam explorações panorâmicas superficiais no lugar da compreensão e ensino das bases que fundamentam a área de artes, suas diferentes linguagens e complexidades.

Palavras-chave: BNCC, Linguagens não verbais, Arte Educação, Ensino de Artes.

This article critically analyzes how the contents of the Art area were structured in the document of the National Common Curricular Base (BNCC) to be taught in elementary school. The analysis focuses on mistakes in the formulation of the object of knowledge “elements of language” and the skills related to this topic in the field of visual arts, having as a reference the approach that the semioticians Fernande Saint-Martin and Iuri Lotman proposes for the analysis of language. It is intended to draw the attention of educators to the need for Art to be recognized as an area of knowledge and draws the attention of art educators to the risks of disjointed fragmentation of arts content due to structures that facilitate superficial panoramic explorations instead of understanding and teaching of the bases that underlie the area of arts, its different languages and complexities.

Keywords: BNCC, Non-verbal languages, Art Education, Teaching of Arts

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise crítica da proposta da Base Nacional Comum Curricular / ensino fundamental, para as área de Artes (Teatro, Artes Visuais, Dança e Música). Essas áreas de conhecimento que no presente momento possuem licenciaturas específicas não

¹ Professora do departamento de Artes da UFRN. Mestrado e Doutorado em comunicação e Semiótica – PUCSP e Pós Doutorado na Universidade de Aveiro (PT). É coordenadora do PIBID Artes Visuais da UFRN. lais.guaraldo@ufrn.br;



são assim reconhecidas e são localizadas no documento como eixos temáticos da área de Linguagens.

Será questionada a arquitetura conceitual proposta e analisada com mais acuidade a proposta formulada pelo BNCC para o ensino do objeto de conhecimento “Elementos da Linguagem”. A análise resgata parte do histórico da pesquisa sobre linguagem visual, que iniciou com Kandinsky e posteriormente teve o aporte da teoria da Gestalt e da fenomenologia. Se pauta na abordagem do semiótico russo Iuri Lotman para a definição de linguagem.

A reflexão aqui proposta tem a sua importância devido à necessidade de preservar as conquistas das últimas décadas da área da arte educação – que reconheceu as diferentes modalidades artísticas como áreas de conhecimento que têm sua autonomia epistemológica, tradição teórica especificidades poéticas.

ARTE E LINGUAGEM

O presente artigo propõe uma análise crítica da proposta da Base Nacional Comum Curricular / ensino fundamental, para a área de Artes (Teatro, Artes Visuais, Dança e Música). Essas áreas de conhecimento são localizadas no documento como eixos temáticos da área de Linguagens. Será questionada a arquitetura conceitual proposta e analisada com mais acuidade a proposta formulada pelo BNCC para o ensino do objeto de conhecimento “Elementos da Linguagem”. A análise se pauta na abordagem do semiótico russo Iuri Lotman para a definição de linguagem e se posiciona no sentido de preservar as conquistas dos arte educadores das últimas décadas e o reconhecimento das diferentes modalidades artísticas como áreas de conhecimento que têm sua autonomia epistemológica, tradição teórica especificidades poéticas.

É sabido que o documento da Base Nacional Comum Curricular, homologado em dezembro de 2017, tratou as diferentes áreas de conhecimento das artes (teatro, dança, artes visuais, música) como “unidades temáticas” da área de conhecimento denominada “Linguagens”. Essa estruturação vem produzindo um violento desmanche epistemológico da área de Arte, pois uma das maiores conquistas dos arte educadores brasileiros das últimas décadas foi a formação de licenciaturas específicas para cada modalidade artística e a afirmação de que cada uma dessas áreas tem o seu corpo de conhecimento específico (ainda que em diálogo com as demais).

O documento também não levou em consideração um postulado central da Arte, que é a sua relação transgressora e transcendente em relação às estruturas das linguagens. Cabe às poéticas produzirem sistemas abertos de significação nas brechas daquilo que está estabelecido.

Seu campo de investigação é o desconhecido, é a instauração de mundos. O papel da arte é inaugural em relação à linguagem. Inserir, portanto a área de Arte abaixo do guarda chuva “Linguagens” já parte de um desconhecimento ou desrespeito com as teorias da arte e instaura confusão na compreensão dos conceitos de arte e também de linguagem.

Não há dúvida de que a análise das estruturas de diferentes linguagens na produção artística e seus modos de construção de sentido é relevante na formação do arte educador. Mas a “Linguagem” inserida como grande área acima da arte não dá conta da complexidade da área de arte e confunde, inclusive, a compreensão da própria linguagem verbal e não verbal. Estamos diante de uma grande miscelânea conceitual, que vem gerando livros didáticos confusos e fragmentados. Professores que não dominam toda essa amplitude de códigos e possuem carga horária quase inexistente são pressionados a assumir papel polivalente e se vêem perdidos na preparação de aulas propostas por esses livros. O resultado são aulas que não aprofundam efetivamente o potencial expressivo de nenhuma linguagem e com poucas condições de proporcionar práticas artísticas dos alunos.

A Arte como área de conhecimento inclui conhecimentos sobre linguagem, mas está em um outro lugar, que não é exatamente a de um “eixo temático” da área “Linguagens”. Mas se a arquitetura conceitual da BNCC inseriu as artes nesse lugar esperava-se, ao menos, que houvesse algum rigor em relação àquilo que se entende por linguagem e seus mecanismos de construção de sentido e as maneiras como as diferentes áreas de conhecimento do campo da arte elaboram a articulação de seus sistemas de significação (inclusive para ser mais compreensível os procedimentos de hibridização das linguagens na arte contemporânea). Mas não foi o que aconteceu.

Enquanto a área de Língua Portuguesa conta com seus conteúdos minimamente estruturados em uma arquitetura que leva em consideração o aporte da linguística e a tradição teórica que formulou as gramáticas, as áreas de artes tiveram seus conteúdos esvaziados e desarticulados. Não foram bem formulados os conteúdos relacionados com os fundamentos das linguagens não verbais na proposta de organização das “unidades temáticas” das artes.

Vejamos com mais detalhes a maneira como a fragmentação dos conteúdos é facilitada no documento BNCC: a área de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental ocupa 105 páginas e reúne 396 habilidades. Todas as quatro áreas de Arte (Visuais, Teatro, Música e Dança) reunidas ocupam 14 páginas e reúnem no total 57 habilidades. Rosa Yavelberg observou que nos Parâmetros Nacionais Curriculares a área de Língua portuguesa ocupava 18% do documento e toda a área de Arte ocupava 16%. No BNCC Língua Portuguesa ocupa 28% e todas as artes reunidas ocupam 7%.

Não se trata aqui de desmerecer a necessidade de detalhamentos dos conteúdos da área de Língua Portuguesa, mas de chamar a atenção sobre a necessidade que a linguagem verbal tem para que sejam compreendidos os seus mecanismos sintáticos, semânticos e pragmáticos de articulação, expressão e produção de sentido. No entanto esse cuidado não foi dado para as linguagens não verbais e híbridas e a amplitude de suas poéticas.

Enquanto na área de Língua Portuguesa notamos foco e detalhamentos das habilidades, nas áreas das Artes as habilidades são amplas e genéricas, do tipo “Deus e seu Tempo”, com compressão de conteúdos e miscelâneas.

Habilidade de Língua Portuguesa: “(EF09LP05) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, orações com a estrutura sujeito-verbo de ligação-predicativo” (BRASIL, 2017, pg...).

Habilidade de Artes Visuais: “(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético” (idem, 2017, pg...).

Habilidades de Teatro: (EF69AR27) Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo.

Não há nesse elenco de objetos de conhecimento qualquer possibilidade de compreender com alguma profundidade a produção artística como um corpo estruturado complexo e ao mesmo tempo com possibilidade de práticas sensíveis e poéticas acessíveis e necessárias a todos.

Não estamos nesse texto tratando de questões relacionadas com as poéticas, a necessidade do professor de artes efetivamente dominar sensivelmente os códigos que lida para conduzir criativamente as complexidades dos processos criativos dos estudantes, e a falta de estrutura física e temporal oferecida para as escolas do país para que efetivamente seja valorizada as práticas artísticas e elaboração de subjetividades e expressão. Focamos aqui apenas a abordagem proposta para que arte seja ensinada como eixo temático de linguagens e a maneira como é tratada a linguagem nas artes.

ELEMENTOS DA LINGUAGEM

Vejamos então o caso do objeto de conhecimento “Elementos da Linguagem” - que está presente nas quatro modalidades artísticas.

Na unidade temática de artes visuais destinada ao 6º. Ano do ensino básico, o objeto de conhecimento “elementos da linguagem” propõe a seguinte habilidade:

(EF69AR04): Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.

O primeiro problema dessa listagem de habilidades é de ordem metodológica. Propõe a análise do elemento para chegar na produção artística e não o contrário. Desde a divulgação das pesquisas das teorias da Gestalt nos ambientes artísticos, em especial com a publicação do livro de Rudolf Arnheim, “Arte e Percepção Visual”, em 1954, que a percepção é tratada como uma totalidade e não como uma somatória de partes. Então há aqui uma defasagem de setenta anos em relação a uma abordagem da imagem visual, de uma cena teatral ou de dança que não trata da produção artística como somatória, mas como conjuntos, jogos de forças, relações. Isolar e descontextualizar elementos constituintes de qualquer linguagem é tão equivocado metodologicamente quanto estudar uma árvore desconhecendo o seu lugar na floresta. Paulo Freire e Emília Ferreiro já explicaram faz muito tempo que não se alfabetiza a partir da análise isolada do a e i o u.

Um risco que o ensino das linguagens não verbais e híbridas corre é o de se submeter ao que é chamado pela semiótica canadense Fernande Saint Martin (1990) de “dogmatismo fonocêntrico”. No que diz respeito à linguagem visual, a autora argumenta que a gramática visual é estruturada a partir fonemas, portanto é passível de decomposição em partes menores. A imagem não tem seus elementos facilmente segregáveis e identificados como unidades mínimas. Estão sempre organicamente relacionados. Por conta dessa situação, a autora sugere que a dimensão das unidades mínimas de significação da semiótica visual devem ser variáveis, determinadas de acordo com estruturas específicas da percepção visual em questão (SAINT-MARTIN, 1990, p. 4).

A proposta metodológica de Saint-Martin é observar como se dá a construção sintática de uma imagem considerando suas características globais. Tal abordagem se assemelha à abordagem de Mário Pedrosa, de Arnheim e Ostrower, que lidam com a imagem como um fenômeno que é apreendido em sua totalidade e cujas partes são – por natureza- não segregáveis. As questões do campo da arte são sempre relacionais.

Embora acionem forças dimensionais no espaço, nenhum elemento componente da linguagem visual tem significação sozinho. Qual o conteúdo expressivo de um quadrado descontextualizado se não analisarmos o seu contexto espacial (na relação com outras formas) e cultural? A análise não é do elemento constitutivo isolado, portanto, mas da obra.

São as relações entre os elementos constitutivos na composição que vão produzir dinamismo, estaticidade, alinhamentos, repetições rítmicas, hierarquias, tensões espaciais,

contrastes ou semelhanças de escalas e direções. E como ensina Fayga Ostrower, o jogo dessas tensões espaciais é que vai “formular o estado de ânimo de uma obra”. Portanto o que é defendido aqui é que se ensine aos estudantes a analisar e criar jogos de forças, composições expressivas, e deixe de lado exercícios simplórios de formas isoladas que subestimam a sensibilidade dos estudantes.

Vale observar que o conhecido livro do pintor / professor Kandinsky “Ponto, Linha, Plano” com suas reflexões inaugurais sobre a necessidade de formular fundamentos sobre uma possível gramática da imagem e maneiras como as formas e cores poderiam ser tratadas como vocábulos com significação data de 1926 (anterior à divulgação da teoria da Gestalt nas artes, portanto). Kandinsky buscou refletir sobre as propriedades imanentes de cada elemento. Avaliou que “o primeiro problema que se impõe é, naturalmente, o dos elementos da arte que são material das obras e que devem ter natureza diferente para cada forma de arte”. E elencou a Cor, o Ponto, a Linha, e o Plano como Elementos básicos da pintura (e não da linguagem visual ou artística de maneira mais ampla). Essa visão imanente e atomista das reflexões inaugurais de Kandinsky perdura até hoje no ensino de artes de muitas escolas. E nem sequer estamos tratando aqui das contribuições posteriores da iconologia e fenomenologia para o campo da arte, que trouxeram aportes relacionados com aspectos da cultura e seus signos em rotação (trataríamos as Marilyn Monroes do Andy Warhol como um conjunto de elementos planos coloridos)?

Vejamos agora quais são os elementos constitutivos da linguagem elencados pelo documento da BNCC para as Artes Visuais. São eles: **“ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc”**.

É impressionante como não foi notado o erro gritante dessa formulação (que norteia atualmente os livros didáticos). Não se pode inserir na mesma categoria de análise elementos como “linha” e “forma” com supostos elementos “dimensão” e “movimento”. A forma tem diferentes dimensões, a linha tem diferentes direções. Juntar linha com direção em uma mesma listagem é o mesmo que ensinar que substantivo e adjetivo são a mesma coisa. Inseriram na mesma categoria (elementos) o “o que” com o “como”. Elementos que possuem uma ação dimensional no espaço (linha, forma, tom, cor) foram acompanhados de adjetivações desses elementos (escala, dimensão), efeitos relacionais (movimento) e também de um conceito que é geral e de ordem filosófica: o espaço.

Essa lista de elementos está tratando apenas da produção gráfica e pictórica? Se forem apenas elas, porque o elemento “volume” não está elencado? E os elementos constitutivos da produção contemporânea e seus hibridismos? Como analisar os trabalhos de Bispo do Rosário

ou Leonilson sem observar a presença da palavra bordada em suas obras? Como ignorar as paisagens sonoras presentes nas instalações? Tratar desse tema com descuido é quase o mesmo que afirmar que não há estudos das estruturas das produções não verbais, portanto essas áreas de conhecimento podem ser ensinadas genericamente ou não devem ser levadas em consideração.

Vejam os elementos da linguagem apontados pela BNCC para a área de Teatro: variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc. Não é necessário ser da área de teatro para observar que os elementos da linguagem do teatro assinalados pelo documento não dariam conta de compreender, ainda que de forma inicial, as complexidades da poética teatral. O desmanche epistemológico das áreas está sendo feito pelas suas colunas vertebrais: seus mecanismos de significação. Ensinar na escola a pluralidade das formas expressivas implica, portanto no respeito aos profissionais que dominam com alguma profundidade a articulação dos códigos da sua área.

SÃO MUITAS AS LINGUAGENS

Muitos são os autores que quando se referem ao termo “linguagem” o fazem como sinônimo de linguagem visual. Não é o caso do semioticista russo, Iuri Lotman (1970: p.35), que formulou na obra “A estrutura do texto artístico” uma valiosa contribuição para o conceito de linguagem. O autor conceitua a linguagem como “todo sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular”. Qualquer linguagem utiliza signos, que constituem o seu “dicionário; utiliza regras definidas de combinação desses signos; representa uma determinada estrutura, que por sua vez possui a sua própria hierarquia. E comunica algo a alguém.

Nota-se que Lotman não utiliza o termo “elementos da linguagem”, mas “signos” (com o sentido de unidade mínima de significação). Tal formulação permite maior flexibilidade e variação em relação às possibilidades de análise. Uma produção artística pode ser abordada a partir de suas formas, luz e cores (em um nível formal e sintático), mas também a partir da articulação de signos reconhecidos por sistemas culturais, como anjos, virgens e lírios, ou sobreposições de sentido, como a foto de uma artista preta com bordados de mordanças na boca. A análise de obras de arte implica no deslizamento entre os níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos.

A definição de linguagem de Lotman possibilita a análise de uma gama ampla de sistemas de significação das mais variadas formas expressivas criadas pela humanidade. Seja qual for a manifestação artística, o estudioso da área reconhece suas estruturas de construção

de sentido, que são signos ordenados, hierarquizados, estruturados (ou desestruturados, no caso das manifestações artísticas de ponta).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito às habilidades relacionadas com os fundamentos das diferentes linguagens, observamos falta de rigor em relação ao entendimento das especificidades das diferentes modalidades artísticas.

Como esperar seriedade no ensino de diferentes linguagens que já têm a complexidade de serem não-verbais se é apresentado aos estudantes e professores listas disparatadas daquilo que seriam os elementos básicos constituintes dessas linguagens? É como iniciar um processo de alfabetização misturando categorias de vogais com adjetivos e orações subordinadas. Os professores e pesquisadores da área de Letras deixariam isso acontecer em sua área?

Não há nenhuma possibilidade de mergulho poético e expressivo para aqueles que seguem à risca as propostas do BNCC e dos livros didáticos. Apenas são possíveis vãos panorâmicos, que sobrevoam de área em área para tratar superficialmente temas gerais, ainda que sejam com boas intenções semióticas e contemporâneas.

A compreensão efetiva de como se trabalha com os limites da linguagem e construção de sistemas de significação envolvendo signos que se articulam, hierarquizam, estruturam e desmancham sistemas exige professores especializados nas modalidades artísticas. Para que a arte não seja abordada e tratada na escola como entretenimento sem fundamento, sem sentido e sem necessidade cognitiva, psíquica e social.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, R. Arte e Percepção Visual. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1997.
- KANDINSKY, W. Ponto Linha Plano. Lisboa: Ed. 70, 1989.
- LOTMAN, I. A Estrutura do Texto Artístico. Lisboa: Editorial Estampa. 1978.
- OSTROWER, F. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- PEDROSA, M. Arte necessidade vital. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949.
- SAINT-MARTIN, F. Semiotics of Visual Language. Indiana: University Press, 1990.
- YAVELBERG, R. A Base Nacional Curricular Comum e a formação dos professores de arte. In: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/576> Disponível em 10/12/2022
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.